

GRAMÁTICA & PONTUAÇÃO

Guia Prático para
Escrever Melhor

MARCO NEVES

NÃO-FICÇÃO · LÍNGUA PORTUGUESA

Dedicado à Zélia, ao Simão e ao Matias.

ÍNDICE

Introdução	15
Gramática numa <i>Harley-Davidson</i>	16
As regras gramaticais nascem nos livros?	21
Que disciplinas estudam a língua?	27
O que é a gramática?	29
O que é a norma do português?	31
 1. A gramática essencial: palavras e frases	37
O armazém das palavras	39
Peças para construir palavras	39
Armazéns de porta aberta	46
Os parafusos da gramática	83
A máquina das frases	102
O molde da frase	102
Como fazer perguntas (e não só)?	115
Como criar frases infinitas	119
A língua na oficina	122
Ler a frase em voz alta	123
Pensar na divisão entre frases e na sua estrutura interna	125
Ter cuidado com as repetições	127
Como escrever frases inesquecíveis?	130

2. Pontuação e outros sinais	135
A origem da pontuação.	137
Para que serve a pontuação?	140
Espaços entre palavras.	143
Pontuação do texto.	147
Espaço em branco.	147
Títulos	148
Listas	149
Parágrafo.	152
Asteriscos, obeliscos e outras viagens.	154
Citações e referências	154
Diálogo.	158
Pontuação da frase	165
Ponto	165
Ponto de exclamação.	169
Ponto de interrogação.	171
Reticências	172
Dois pontos.	175
Vírgula	179
Ponto e vírgula.	195
Travessão.	197
Parênteses	201
Aspas	203
Formas de destaque.	205
Pontuação da palavra	208
Apóstrofo	208
Hífen	208
Siglas, abreviaturas e acrónimos	212
Maiúsculas e minúsculas	214
Números	220

Outros sinais	221
Acentos e sinais diacríticos	223
Acentos gráficos.	223
Sinais diacríticos: til e cedilha.	228
Pontuações...	228
Lista de verificação.	231
3. Dúvidas e Armadilhas	233
«À» ou «á»?	235
«Açoriano» ou «açoreano»?	236
«Alugar» ou «arrendar»?	237
«Apóstrofo» ou «apóstrofe»?	238
«Às» ou «ás»?	238
«As milhares de horas» ou «Os milhares de horas»?	238
«À-vontade» ou «à vontade»?	239
«Bênção» ou «benção»?	239
«Bilião» ou «mil milhões»?	239
«Blogue» ou « <i>blog</i> »?	242
«Cabo-verdiano» ou «cabo-verdeano»?	243
«Com certeza» ou « <i>concerteza</i> »?	243
«Contacto» ou «contato»?	243
«Cozer» ou «coser»?	244
«Despercebido» ou «desapercebido»?	244
«Despoletar» ou «espoletar»?	244
«Do» ou «de o»?	245
«Em França» ou «na França»?	246
«Enquanto que» ou «enquanto»?	248
«Facto» ou «fato»	248
«Fazer a barba» ou «desfazer a barba»?	248
«Haver»: agruras de um verbo	249

«Interveio» ou «entreviu»?	251
«Malfeito» ou «mal-feito»?	252
«Manda-mos» ou «mandamos»?	253
«Não há nada» ou «há nada»?	253
«O comer» ou «a comida»?	254
«O que» ou «que»?	254
«Oficial» ou «oficioso»?	254
«Órgão» ou «orgão»?	254
«Ouro» ou «oiro»?	255
«Outrem» ou «outrém»?	255
Plurais dos nomes compostos	255
«Porque» ou «por que»	256
«Precariedade» ou «precaridade»?	257
«Puder» ou «poder»?	257
«Rubrica» ou «rúbrica»	257
«Separa-se» ou «separasse»?	257
«Soalheiro» ou «solarengo»?	258
«Ter pago» ou «ter pagado»	258
«Trás» ou «traz»?	259
«Um dos que falaram» ou «um dos que falou»?	260
«Vêm» ou «vêem»?	260
«Viria» ou «vinha»?	260
«Voo» ou «vão»?	261
4. Como criar um texto	263
Escrever (em cinco passos)	265
Investigar	265
Planear	266
Escrever	267

Coesão e coerência.	270
Reescrever.	270
Arriscar	272
Bibliografia e sugestões	277

INTRODUÇÃO

Este livro junta dois livros anteriores, com revisões: a *Gramática para Todos – O Português na Ponta da Língua* e *Pontuação em Português – Guia Prático para Escrever Melhor*. A junção tem esta vantagem: ficamos assim com um livro único e prático, ideal para consultar quando está a escrever. Como explico a seguir, o meu objectivo ao escrever esta gramática não foi descrever exhaustivamente a língua (para isso há outras gramáticas), mas mostrar os aspectos essenciais para quem quer escrever melhor – ora, para isso, saber pontuar é importantíssimo. Esta nova edição tem quatro partes:

- I. A gramática essencial: palavras e frases
- II. Pontuação e outros sinais
- III. Dúvidas e armadilhas
- IV. Como criar um texto

É um livro de consulta, como é da natureza deste tipo de obras, mas é também um livro suficientemente breve para ser lido de fio a

pavio – recordamos assim o essencial do corpo da nossa língua (a gramática) e da roupa com que se veste na escrita (a pontuação).

Gramática numa *Harley-Davidson*

A primeira vez que senti verdadeiro prazer em conduzir foi numa das últimas aulas práticas. O instrutor pediu-me para levá-lo a uma loja da *Harley-Davidson* e para esperar no carro.

Quando voltou, com os cabedais no saco, sentou-se e disse-me apenas:

– Vá, vamos embora para a escola.

Não me disse para pôr a primeira, não me pediu para olhar pelo espelho, não me deu, aliás, nenhuma instrução. Apenas um pedido, um objectivo – eu já sabia como fazer tudo o resto.

E foi assim que, usando o que tinha aprendido nas aulas, olhei pelo espelho, pus a primeira, carreguei no pedal – e lá me subiu pelo corpo o prazer em sentir o carro a acelerar pela estrada sob o meu comando. Hoje, muitos anos depois, conduzo de forma que me parece natural. Os gestos estão mais do que aprendidos.

Escrever é como conduzir: aprendemos as regras e os gestos de forma consciente, nos primeiros anos de escola, mas, a certa altura, já nem notamos que regras e gestos são esses: simplesmente avançamos para o nosso destino. Tal não significa que não haja acidentes pelo caminho – e não há como negar que há condutores melhores do que outros e que há condutores com uma condução mais confortável, enquanto outros nos deixam com o coração aos saltos (o que pode ser muito bom ou muito mau).

A comparação que fiz acima é perigosa: escrever é como conduzir, de facto, no sentido em que aprendemos as regras da

ortografia na escola. Mas, no entanto, as regras gramaticais, aquelas que nos permitem criar frases – essas não são aprendidas na escola, pelo menos na sua maioria.

Aprender a gramática é bem mais parecido com aprender a andar. Aprendemos a andar através da imitação, da tentativa e erro e, sim, do incentivo dos pais e demais família. Ninguém nos ensinou de forma consciente, no sentido de nos dar instruções e explicações de como funciona o corpo.

Começamos a andar. Fazemo-lo um pouco a medo, no início, mas logo ganhamos confiança. Há uma série de mecanismos cerebrais e motores envolvidos no processo, mas não pensamos neles – nem sequer os conseguimos descrever.

Aprender a falar é um pouco como aprender a andar. Também vamos lá através da imitação, da tentativa e erro e do incentivo dos outros. Neste caso, as quedas são as reacções de quem fala connosco – mas, curiosamente, aprendemos as regras da língua (na oralidade), mesmo que ninguém nos corrija. Ao fim de alguns anos de treino, o cérebro já reconstruiu, em cada falante, um sistema de regras (e excepções) e aprendeu um conjunto (maior a cada dia) de palavras – regras e palavras que nos permitem falar (às vezes connosco próprios).

Este livro é sobre essas regras e como elas se unem às palavras que aprendemos para nos permitir falar e escrever. A esse conjunto de regras chamamos gramática. E, sim, a gramática que descrevo neste livrinho já estará no cérebro de quem o lê. (E, não, a gramática não é um conjunto de regras avultas e, por vezes, arbitrárias do tipo «não se começa uma frase por E».)

Dou um exemplo concreto: ninguém que fale português terá dificuldades em perceber que o futuro do indicativo que usei no parágrafo anterior («estará») não remete para o futuro – remete para

uma grande probabilidade, sem certezas... Usei-o porque pode dar-se o caso de o livro ir parar às mãos de quem está a aprender a nossa língua *agora* – e, por isso, não sabe português. Ora, este uso do futuro está registado nas gramáticas, mas não é necessário lê-las – e muito menos decorá-las – para o conhecer. Faz parte das regras que os falantes da língua levam na cabeça. Os falantes não saberão apenas interpretar este uso do verbo – saberão também que é um uso relativamente formal, comum na escrita, menos comum na oralidade...

Na verdade, o leitor sabe isto tudo, mas talvez não saiba que sabe. O fosso entre o que sabemos fazer com o português e o que sabemos descrever sobre a língua é enorme. Os linguistas – cientistas que se ocupam da pesquisa e descrição das línguas – andam, às centenas, a garimpar nesta mina, e ainda há muito por descobrir.

Os sabores do verbo saber

Um bom exemplo da maneira como sabemos mais do que pensamos é o verbo «saber», tantas vezes repetido por estes parágrafos... Já reparou que a primeira pessoa do singular do presente do indicativo muda conforme o sentido do verbo?

- (1) Eu **sei** falar português.
- (2) Quando me beijas, eu **saibo** a quê?

É verdade que raramente usamos a forma «saibo». Diremos «Qual é o meu sabor?» – ou algo assim. Mas todos sabemos bem que «Eu *sei* a morango.» não se diz...

Os falantes conhecem a gramática mesmo quando não conhecem os nomes técnicos. Há um tempo verbal em português para

expressar aquilo que acontece de forma repetida nos últimos tempos. É o pretérito perfeito composto do indicativo – mas mesmo quem nunca tenha ouvido este nome saberá interpretar a seguinte frase:

Tenho visto muitas pessoas a olhar para a montra e a entrar.

Também podemos expressar que havia qualquer coisa que costumávamos fazer no passado – e para isso basta mudar a forma ao verbo e deixá-lo no imperfeito do indicativo. Ora, mesmo que nunca tenhamos reparado nesse uso do tempo verbal, saberemos interpretá-lo.

Eu **ia** muito ao cinema, mas depois nasceram os meus filhos.

Talvez saiba isto ou talvez não – mas saberá certamente usar estes tempos verbais!

Todos temos uma gramática inteira na cabeça. Nem sempre a usamos de forma desenvolta, às vezes enganamo-nos, há diferenças entre as gramáticas dentro de duas cabeças diferentes – mas todos temos uma gramática na cabeça. Mesmo quem não sabe escrever.

Este livro vai levar-nos numa breve viagem pelas regras do português que todos conhecemos. Centrar-se-á na gramática do português-padrão (não é melhor do que outras variedades do português, mas é aquela que é ensinada na escola e usada na formalidade) – e centrar-se-á também no português escrito, dando algumas pistas sobre como usar melhor o português nesta forma mais difícil de dominar. Não servirá para ensinar a falar ou a escrever em português. Todos os leitores saberão português – e saberão escrevê-lo. Servirá, isso sim, para ajudar a compreender melhor como funciona a língua – e, se tudo correr bem, como *escrever melhor*.